



DO GREGO HELENÍSTICO AO GREGO BIZANTINO: UMA ANÁLISE HISTÓRICA E LINGUÍSTICA

Nayara Kívilla do Carmo Maia¹

William Tenório Quintela²

RESUMO

Este artigo propõe uma análise introdutória da transição do grego helenístico, conhecido como koiné, para o grego bizantino, a partir de dois fundamentos: o histórico, buscando entender os fatores que contribuíram para as mudanças na koiné; o linguístico, apontando os principais elementos das transformações fonológicas, morfológicas e sintáticas, bem como os aspectos de continuidade lexical associados ao vocabulário cristão e administrativo. A investigação parte da compreensão da koiné como uma língua funcional e amplamente difundida no mundo helenístico, que foi progressivamente transformada sob a influência do cristianismo, da administração imperial e da tradição escrita e litúrgica do Oriente. Com base em uma pesquisa bibliográfica e documental, são examinados os principais aspectos que caracterizam essa transição, incluindo a consolidação da pronúncia histórica do grego, a simplificação gramatical e a emergência de uma diglossia entre a língua culta e a linguagem popular. Ao evidenciar a continuidade entre o grego da Antiguidade e o idioma do Império Bizantino, conclui-se que o grego bizantino não representa uma ruptura linguística, mas o desenvolvimento amadurecido da Koiné, ao preservar sua função cultural, religiosa e política por mais de um milênio.

Palavras-chave: Koiné; grego bizantino; língua grega; cristianismo; evolução linguística.

From Hellenistic Greek to byzantine Greek: a historical and linguistic analysis

ABSTRACT

This article proposes an introductory analysis of the transition from Hellenistic Greek, known as Koine, to Byzantine Greek, based on two foundations: the historical, seeking to understand the factors that contributed to the changes in Koine; and the linguistic, pointing out the main elements of phonological, morphological, and syntactic transformations, as well as the aspects of lexical continuity associated with Christian and administrative vocabulary. This investigation begins with an understanding of Koine Greek as a functional and widely disseminated language in the Hellenistic world, which was progressively transformed under the influence of Christianity, imperial administration, and the written and liturgical tradition of the East. Based on bibliographic and documentary research, the main aspects that characterize this transition are examined, including the consolidation of the historical pronunciation of Greek, grammatical simplification, and the emergence of diglossia between the cultivated language and the popular language. By highlighting the continuity between Koine Greek and the language of the Byzantine Empire, it's noticeable that Byzantine Greek does not represent a linguistic rupture, but the mature development of Koine Greek, which preserved its cultural, religious, and political function for more than a millennium.

Keywords: koine; Byzantine Greek; Greek language; Christianity; linguistic evolution.

¹ Pós-graduanda em Mundo Judaico e Helênico. Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

² Doutor. Diretor da Faculdade Teológica Batista de São Paulo: diretoria.academica@teologica.net

RESUMEN

Este artículo, sugiere un análisis introductorio de la transición del griego helenista, conocido como koiné para el griego bizantino, partiendo de dos fundamentos: el histórico, que busca entender los factores que contribuyeron con los cambios para la koiné; el lingüístico, que muestra los principales elementos de las transformaciones fonológicas, morfológicas y sintácticas, así como los aspectos de la continuidad del léxico asociados al vocabulario cristiano y administrativo. La investigación parte de la comprensión de la koiné, como lengua funcional y ampliamente difundida en el mundo helenista, que fue transformada de forma progresiva bajo la influencia del cristianismo, de la administración imperial y de la tradición escrita y litúrgica del oriente. Con base en una investigación bibliográfica y documental, se examinan los principales aspectos que caracterizan esa transición, incluyendo la consolidación de la pronunciación histórica del griego, la simplificación gramatical y el surgimiento de una diglosia entre la lengua culta y la lengua popular. Al evidenciar la continuidad entre el griego de la antigüedad y el idioma del imperio bizantino, se llegó a la conclusión de que el imperio bizantino no representa una ruptura lingüística, sino más bien, el desarrollo aplomado de la koiné, el cual preservó su función cultural, religiosa y política por más de un milenio.

Palabras clave: Koiné; griego bizantino; lengua griega; cristianismo; evolución lingüística.

INTRODUÇÃO

Antes de mais nada, o presente artigo, como mencionado no resumo, trabalha de forma propedêutica, ao apresentar um tema que não tem sido tratado devidamente nas obras escritas em língua portuguesa, sobre a língua grega. A história da língua grega é uma das mais longas e documentadas do mundo antigo, com registros contínuos desde o segundo milênio a.C.. Qualquer idioma possui duas características fundamentais: uma, de passar por transformações ao longo do tempo, a outra, de ter uma identidade única, mais estável. Se não fosse dessa forma, não se poderia identificá-los, pois não haveria nada que distinguisse um do outro. Assim como qualquer outro, o idioma grego passou por transformações fonológicas, morfo-sintáticas e lexicais, que acompanharam, e muitas vezes refletiram as mudanças sociais, culturais, religiosas e políticas que marcaram o mundo mediterrâneo. Dentre as transições mais relevantes para os estudos linguísticos, teológicos e históricos, está o desenvolvimento do grego a partir da fase helenística – conhecida como Koiné – até sua configuração como grego bizantino, já no contexto do Império Romano do Oriente.¹

A Koiné (ou grego comum) surgiu como resultado das mudanças ocorridas durante as conquistas de Alexandre, o Grande, no contexto da expansão do mundo helênico. Os povos conquistados acabavam por adotar o grego como uma segunda língua, e os muitos soldados estrangeiros que eram incorporados ao exército grego tinham de aprender o idioma grego. Essa expansão do idioma entre os povos, principalmente os do Oriente, com o passar dos anos, levou a uma simplificação do idioma e ao mesmo tempo à multiplicação de sotaques e variantes. O resultado dessas mudanças foi uma variedade simplificada e funcional do ático popular, que foi adotada como língua administrativa, comercial, intelectual e religiosa em vastas regiões do império. A ampla difusão da Koiné e seu uso em textos fundamentais da fé cristã, como a Septuaginta e o Novo Testamento, tornaram-na central para a compreensão das Escrituras e da teologia patrística. Com o tempo, essa forma linguística

historicamente e foneticamente ser equivocada ou no mínimo anacrônica, foi disseminada por Erasmo de Roterdã e passou a ser comumente utilizada na língua portuguesa. Assim sendo, por conveniência, mantivemos a forma popular ao invés da transliteração fonética e histórica, a saber, *kini*. Para aprofundamento na questão fonética ver Caragounis (2006).

Império Romano do Oriente, mais conhecido como Império Bizantino, que passa a existir a partir da transferência da capital do império de Roma para Constantinopla.

1 *Koinḗ* (gr.), a transliteração aqui empregada é *koiné*, apesar de

se transformou gradualmente, resultando no que hoje se reconhece como grego bizantino — idioma oficial do Império Romano do Oriente e veículo do pensamento cristão por mais de um milênio. O grego bizantino representa a etapa imediatamente anterior ao grego moderno, evidenciando uma linha de continuidade linguística e cultural que se estende desde o período helenístico até os dias atuais.

Este artigo tem como objetivo analisar a transição do grego helenístico para o grego bizantino, destacando suas mudanças estruturais mais relevantes, como a simplificação morfológica, a consolidação da pronúncia histórica do grego — marcada por alterações nos sons vocálicos e consonantais, além de outras transformações fonológicas significativas — e a preferência por construções mais explicativas, em lugar das estruturas compactas, características do grego clássico. Além disso, busca-se compreender como fatores socioculturais — especialmente o cristianismo e a organização imperial bizantina — contribuíram para esse processo de transformação e estabilização da língua.

A metodologia adotada é a pesquisa bibliográfica e documental, com base em obras de referência como: Geldart (1870), Atkinson (1952), De Lange (1990), Caragounis (2006), Beals (2010), Horrocks (2014), Todd (2019), e Cristidis. Essas obras investigam tanto os aspectos formais da língua quanto seu contexto histórico, religioso e fonológico. A base teórica do estudo inclui aspectos da linguística histórica, da variação entre os registros culto e popular da língua (diglossia) e das relações entre linguagem, autoridade e religião nos contextos do Império e do cristianismo.²

Diante disso, pretende-se demonstrar que a transição da Koiné ao grego bizantino não foi um rompimento, mas, sim, um processo gradual e contínuo, marcado por adaptações internas e

influências externas, que consolidaram uma língua funcional, litúrgica e culturalmente estável no Oriente cristão.

ORIGENS DA KOINÉ E SUA CONSOLIDAÇÃO

A língua grega é uma das mais antigas línguas europeias, e a única a possuir um registro contínuo, até os dias atuais.³ Muito antes que o grego pudesse assumir a forma em que se tornou conhecido mundialmente, principalmente pelos clássicos e pela literatura bíblica (LXX e N.T), ele passou por várias transformações. Atkinson (1953, p.11) remete sua origem à 2000 a.C., apontando seus registros mais antigos por volta de 14 séc. a.C. Ele afirma que a língua foi trazida do Norte, contudo, reconhece que é impossível saber a data certa em que chegou à Grécia. Horrocks (2010, p. 9), aprofunda a questão:

Atualmente, acredita-se que falantes de um ou mais dialetos indo-europeus chegaram à península balcânica no início do segundo milênio a.C. (ver Drews (1988), Klingenschmitt (1994) para uma variedade de pontos de vista) e que a língua que chamamos grego desenvolveu ali sua forma distinta por meio da subsequente evolução e diversificação da fala daqueles que, finalmente, se estabeleceram na região. O processo de desenvolvimento deve ter sido influenciado pelo contato linguístico com populações já estabelecidas, algumas das quais podem ter sido indígenas, outras migrantes anteriores, embora não estejamos agora em posição de identificar os povos e línguas envolvidos, apesar da ampla

2 Diglossia — Segundo Dubois et al. (2006, p. 190), o termo denota: 1. uma situação de bilinguismo. 2. Dá-se às vezes a diglossia de situação bilingue, na qual uma das línguas é de *status* sociopolítico inferior [...]. 3. Às vezes, chama-se diglossia a aptidão que tem um indivíduo de praticar corretamente outra língua, além da língua materna. No contexto das conquistas de Alexandre, o Grande, o bilinguismo era uma realidade viva com suas diferentes facetas.

3 Sobre a longevidade do registro histórico da língua grega, Horrocks (2010, p. 10) afirma: “...o deciframento da Linear B em 1950 estabeleceu firmemente o Micênico como a mais antiga variedade do grego, fazendo dessa a língua europeia com o mais longo registro histórico, a partir dos séculos 15 e 14 a.C. (ou, tomando uma data mais recente para a destruição de Cnossos, os séculos 13 e 12 a.C.) até o presente dia”.

especulação sobre o possível impacto do ‘pelágio’, sobre o qual nada se sabe, e até mesmo do luvita, uma língua da família indo-européia relacionada ao hitita e atestada historicamente na Ásia Menor.

Após a chamada “Era das Trevas”, o grego assume a sua forma clássica (500 à 300 a.C.), manifesta pela variedade dialetal (dórico, eólico, jônico, ático, arcado-cipriota...)4. Entre todos os dialetos, o ático acabou por ganhar proeminência, especialmente pelas obras de Platão, Aristóteles, Ésquilo, Tucídides, Xenofonte e Eurípedes. Como é de conhecimento geral, Alexandre, o Grande, foi treinado na cultura helênica por seu mestre Aristóteles, o que se deu por meio do dialeto ático.5 Na conquista e manutenção do império alexandrino, foi essa variante grega que serviu de base, em um processo de aprendizado simplificado, pelos povos conquistados, ao que veio a ser conhecido como koiné.6

4 “A Idade das Trevas Grega (c. 1200 a c. 800 a.C., sobrepondo-se à Idade do Ferro, c. 1200-550 a.C.) é o termo moderno para o período da história grega que se seguiu ao colapso da Idade do Bronze, quando a civilização micênica entrou em declínio e o sistema de escrita Linear B foi perdido, dando à era a designação de “escura” porque não existem relatos escritos contemporâneos dela”. World History Encyclopedia.

Disponível: https://www.worldhistory.org/Greek_Dark_Age/#:~:text=A%20Idade%20das%20Trevas%20Gregas,relatos%20escritos%20contempor%C3%A2neos%20sobre%20ela.&text=Embora%20isso%20possa%20ser%20verdade,Siga%20nos%20no%20YouTube!&text=Decl%C3%ADnio%20nas%20artes%2C%20nas%20atividades,na%20riqueza%20e%20na%20escrita. Acesso: 08/02/2026.

5 Conybeare e Stock (1988, p. 21) concordam com o exposto nas seguintes palavras: “The cosmopolitan form of literary Greek which then came into a use among men of non-Attic, often of non-Hellenic origin, was known as the Common (*κοινή*, sc. *διὰλεκτος*) or Hellenic dialect. Aristotle may be considered the first of the Hellenists, though, as disciple of Plato, he is far near to Attic purity than the Stoics, epicureans, and Academics who followed him. Hellenistic Greek we may regard as the genus, of which Alexandrian Greek is a species.”

6 Segundo Caragounis (2006, p.39), “Pós-clássico, helenístico ou grego koiné era basicamente grego ático. Mas havia recebido influências morfológicas, lexicais e sintáticas de outros dialetos, particularmente do jônico, bem como neologismos adquiridos. Dadas as inexoráveis leis de mudança às quais todas as línguas são suscetíveis, o ático não poderia permanecer inalterado. Despojando-se de muitos elementos peculiarmente áticos, embarcou em uma trajetória de simplificação: o oneroso aparato sintático ático foi substituído por meios de expressão mais simples e leves; frases complexas e intrincadas, chamadas períodos, deram lugar a construções mais simples, curtas e menos complexas.

A chamada Koiné grega, também conhecida como “grego comum” ou “grego helenístico”, emergiu no final do século IV a.C., no contexto da expansão territorial e cultural promovida por Alexandre, o Grande. Com o objetivo de unificar os diversos povos conquistados sob uma mesma língua, o projeto de helenização favoreceu a difusão de uma variedade linguística baseada no dialeto ático, falado em Atenas, mas com traços jônicos incorporados. Essa nova forma de grego, menos complexa em sua morfologia e mais acessível em seu vocabulário, rapidamente ultrapassou barreiras geográficas e culturais, tornando-se a principal língua do comércio, da administração, da educação e da religião em todo o império helenístico.

A Koiné representou uma verdadeira reorganização do sistema linguístico do grego antigo. Ao contrário dos dialetos regionais anteriores – como o dórico, o eólico e o arcado-cipriota – a nova forma buscava uniformidade e funcionalidade. Essa padronização linguística foi favorecida pela fundação de novas cidades helênicas, pela mobilidade populacional e pelo desenvolvimento de uma cultura pan-helenística. Segundo Horrocks (2010, p. 84), a Koiné não surgiu como um fenômeno inteiramente espontâneo, mas como uma resposta prática às necessidades comunicativas de um império multilinguístico e multicultural.

A consolidação da Koiné ocorreu de maneira progressiva, estendendo-se do século III a.C. até os primeiros séculos da era cristã. Durante esse período, a língua se estabilizou com características distintas: simplificação dos tempos verbais, uso reduzido do optativo, preferência pelo indicativo e pela perífrase, além da redução no uso do dual e da substituição gradual do dativo por preposições. No plano fonológico, observa-se a intensificação de mudanças que já vinham se manifestando em estágios anteriores da língua, culminando na consolidação da pronúncia histórica do grego – marcada pela convergência de diferentes vogais e ditongos no som /i/, fenômeno documentado em inscrições e manuscritos e que reflete a evolução viva da língua (CARAGOUNIS, 2004; 358 -361). Segundo Horrocks (2010, p. 83):

a koiné foi cada vez mais falada em todo mundo grego, primeiro pelas classes alta e média como língua comum dos negócios e interação social e, em seguida, de forma mais geral. A uniformidade da koiné escrita em seus registros mais altos em uma vasta área geográfica certamente implica uma correspondente homogeneidade na fala da elite grega também no que concerne ao léxico, sintaxe e morfologia, embora nós possamos assumir que haviam diferenças regionais, pelo menos na pronúncia.

Paralelamente, é possível identificar uma divisão funcional entre diferentes registros da língua. Por um lado, havia uma Koiné popular, utilizada em cartas privadas, registros comerciais e documentos administrativos; por outro, uma Koiné mais conservadora, cultivada na literatura, nos discursos filosóficos e nos escritos oficiais. Esse duplo uso reflete a tensão entre a língua viva e suas idealizações estilísticas, o que mais tarde contribuiria para o surgimento da diglossia bizantina.

Além de seu uso prático, a Koiné também assumiu um papel religioso e teológico de destaque. Foi nessa forma da língua grega que se traduziu o Antigo Testamento (a Septuaginta) e que se redigiu o Novo Testamento e diversos escritos patrísticos. Essa função como veículo da fé cristã reforçou sua autoridade e permanência ao longo dos séculos, transformando a Koiné em ponte entre o mundo clássico e o cristianismo primitivo.

O PAPEL DO CRISTIANISMO E DO IMPÉRIO ROMANO

A consolidação da Koiné como língua comum no mundo helenístico não se limitou ao campo administrativo ou comercial. Um de seus desdobramentos mais significativos deu-se no âmbito religioso, especialmente com o surgimento

e expansão do cristianismo. A primeira tradução do Antigo Testamento hebraico para o grego — a Septuaginta (LXX) — foi elaborada entre os séculos III e I a.C., em Alexandria, e representou não apenas um marco na história da tradução, mas também a consagração da Koiné como veículo de expressão teológica.⁷ Essa versão grega das Escrituras exerceu influência profunda sobre a formação do cânon cristão e serviu de base textual para os autores do Novo Testamento, que também redigiram suas obras em Koiné. Nas palavras de Conybeare e Stock (1988, p. 20),

Seguramente, nunca uma tradução de qualquer livro exerceu tão profunda influência sobre o mundo quanto a versão da Septuaginta do Antigo Testamento. Esta obra teve mais influência sobre nós do que talvez estejamos inclinados a pensar. Pois, foi o primeiro passo em direção à fusão do hebraico com a vertente helênica, que resultou na mente e no coração da cristandade moderna. Como a abertura do Canal de Suez, permitiu que as águas do Oriente se misturassem com as do ocidente, trazendo consigo muitas cargas de mercadorias preciosas. Sem a Septuaginta, humanamente falando, não poderia ter havido Novo Testamento: pois a primeira forneceu ao segundo não apenas seu veículo de linguagem, mas também, em grande medida, seus moldes de pensamento. Estes últimos eram, é claro, em última análise, semíticos, mas quando as ideias religiosas tiveram que ser expressas em grego, foi difícil para elas escaparem da mudança no processo. Enquanto o Novo Testamento for

⁷ A LXX, é necessário que se diga, não representa o padrão da koiné helenística. Antes, é um texto que, embora tendo sido escrito em koiné, reflete forte influência semítica. A tradução de conceitos semíticos (hebraicos e aramaicos) demandou por parte dos tradutores (judeus) soluções gregas, não só para questões lexicais ou morfológicas, mas também para questões sintáticas, fonéticas e de estilística. O resultado final foi um texto em grego comum fácil de ser lido por um grego nativo, mas que, todavia, trazia consigo as marcas de outra cultura distante.

de interesse para a humanidade, a Septuaginta deve compartilhar esse interesse com ele.

A escolha do grego comum como língua sagrada por parte dos primeiros cristãos foi estratégica e teologicamente significativa. Além de permitir a ampla difusão das Escrituras entre os gentios, o uso da Koiné evidenciava a intenção de uma mensagem universal, acessível a todos os povos do Império. O próprio estilo linguístico dos textos neotestamentários reflete esse espírito: estrutura sintática simples, vocabulário direto e o uso de construções gramaticais que já prenunciavam formas posteriores do grego bizantino. Essa forma de expressão, distante do ático clássico, aproximava-se mais da linguagem cotidiana do que da retórica filosófica, o que contribuiu para sua permanência como referência litúrgica por séculos.

Além da tradição cristã, o grego bíblico também permaneceu em uso no interior de comunidades judaicas ao longo da Antiguidade Tardia e da Idade Média, especialmente no Oriente bizantino. Segundo De Lange (1990), há registros significativos da utilização de traduções gregas da Bíblia—como a de Aquila—em sinagogas medievais, com destaque para manuscritos da Genizah do Cairo. Essas versões eram utilizadas tanto na liturgia quanto no ensino, muitas vezes por meio de recitação de memória ou leitura com glossas hebraico-gregas. Tais evidências demonstram que a Koiné, mesmo após perder sua função como língua franca no cotidiano, manteve-se viva como idioma religioso, não apenas no cristianismo, mas também entre os judeus helenizados e bizantinos.

Essas versões gregas preservavam uma linguagem híbrida, que mesclava elementos da Koiné tardia com traços do grego bizantino. É o caso, por exemplo, do uso sistemático do acusativo com preposições, da substituição de estruturas com infinitivo por construções com partículas subordinativas (ὅτι, ὅτι) e do vocabulário teológico estabilizado, como κύριος, δόξα e πνεῦμα. O fato de que tais elementos aparecem tanto em textos cristãos quanto judaicos aponta para um processo

de transformação linguística comum, refletindo a evolução natural da língua grega em seu ambiente teológico e cultural.

No âmbito do Império Romano, e especialmente a partir do século IV, com a oficialização do cristianismo, o grego assumiu uma posição ainda mais consolidada como língua de governo, direito e religião no Oriente. Mesmo diante da hegemonia do latim no Ocidente, o Oriente permaneceu fortemente helenizado, e o grego tornou-se a língua oficial da corte, da burocracia e da Igreja, culminando na sua adoção formal no Império Bizantino. Horrocks (2010, p. 208) explica com assertividade a assunção do grego e o abandono do latim pelos bizantinos:

Constantinopla era uma cidade cosmopolita desde a sua fundação e agora incluía comunidades de judeus, godos, hunos, trácios, sírios, egípcios, outros norte-africanos, ilírios (incluindo o próprio imperador Justiniano) e italianos. Os três últimos grupos ainda falavam entre si, mas apesar do papel residual do latim no exército, na lei e na administração, o grego sempre fora a primeira língua da maioria na cidade e já era, na prática, a língua oficial do Estado; todos os que aspiravam a altos cargos eram obrigados a conhecê-lo e usá-lo.

Essa institucionalização da Koiné religiosa e administrativa impulsionou ainda mais sua transformação em grego bizantino, à medida que o idioma era adaptado às novas exigências litúrgicas, jurídicas e eclesiásticas da época. É interessante notar que, após a koiné ter disputado com o latim a primazia no império (num primeiro momento), uma vez estabelecida, veio a sofrer a pressão do aticismo (tentativa de reemplacar o dialeto ático). Horrocks (2010, p.213) explica a questão:

Após os excessos do aticismo do segundo século, os escritores de prosa da antiguidade tardia combinaram

características do ático clássico e altos registros da koiné em um padrão literário mais ou menos sustentável. Esse estilo voltou a ser favorecido após o período sombrio dos séc. VII e VIII e, na ausência de um público leitor mais amplo no início da Idade Média, começou a influenciar formas de composição que tradicionalmente empregavam um registro mais popular [...] Daí em diante, o espectro do grego escrito normal variou de uma koiné literária atualizada, com floreios ao estilo ático, até variedades oficiais e acadêmicas mais simples, incluindo a linguagem do discurso eclesiástico.

Assim, o cristianismo e o Império não apenas preservaram a Koiné, mas também a conduziram a um novo estágio de desenvolvimento. Ao transformar a língua em instrumento de fé, poder e identidade cultural, abriram caminho para que o grego se mantivesse em uso durante toda a Idade Média, evoluindo gradativamente para a forma que hoje se conhece como grego moderno.

TRANSFORMAÇÕES LINGÜÍSTICAS RUMO AO BIZANTINO

A transição da Koiné para o grego bizantino envolveu diversas mudanças no modo como a língua era falada, especialmente no que diz respeito à pronúncia das vogais e ditongos. Um dos processos mais evidentes, já iniciado em estágios anteriores, foi a chamada convergência vocálica — fenômeno em que sons anteriormente distintos passaram a ser pronunciados de forma semelhante, especialmente como o som /i/. Isso ocorreu com vogais como η, ι, υ e com ditongos como ει e οι. Registros antigos, como inscrições e manuscritos, revelam que essas letras já eram frequentemente usadas de forma intercambiável, o que indica que seus sons haviam se tornado muito semelhantes na fala cotidiana. Esse fenômeno, muitas vezes interpretado negativamente por estudiosos que defendem uma pronúncia reconstruída da língua

clássica, é na verdade parte do desenvolvimento natural do grego histórico, como defende Caragounis (2006; p. 350 -396), e demonstra a adaptação da pronúncia ao uso real pelos falantes ao longo do tempo.⁸

A bem da verdade, ao longo dos quatro mil anos de história, a pronúncia grega não tem sido pronunciado de forma uniforme. Nossos registros escritos nos levam e volta a três milênios e meio. Todavia, não há como isto era pronunciado no segundo milênio e na primeira parte do primeiro milênio a.C. O material significativo nos chega das inscrições do VII séc. a.C. em diante e de papiros de alguns séculos mais tarde. (Caragounis, 2026, p. 350)

Ao estudar a questão da pronúncia grega, dois fatos importantes devem ser considerados: (a) a mudança do alfabeto do pré-fenício (alfabeto Micênico ou Linear B) para o fenício, o qual aconteceu antes de 800 a.C.; (b) a adoção gradual, por parte de Atenas, do alfabeto jônico (fenício aperfeiçoado pelos jônicos), que, após a moção de Arquinos, foi finalmente ratificado sob o arconato de Euclides, em 403 a.C. (sendo idêntico ao alfabeto grego moderno), e a consequente confusão na ortografia entre os sistemas pré-jônico e jônico. Ou seja, mesmo depois que a ortografia jônica se estabeleceu, as palavras gregas continuaram a ser escritas da maneira pré-jônica até o séc. III a.C. e, em alguns casos, até a época bizantina.

⁸ As mudanças ocorridas especialmente nessas letras / fonemas (β, γ, δ, ζ, θ, χ – η, υ, ω – αυ, ευ, ηυ, αι, ει, οι, υι), são as que diferenciam a pronúncia histórica da pronúncia artificial erasmiana. O detalhamento das mudanças descritas por Caragounis extrapola os limites introdutórios do presente artigo, mas tais mudanças podem ser conferidas pelos interessados em Caragounis (2006, p. 350 -396).

Mesmo estudiosos que seguem abordagens mais voltadas para um maior distanciamento entre os gregos moderno e bizantino para o grego antigo admitem que as maiores transformações, como o colapso do rico sistema vocálico. Atkinson (1952, p.307), por exemplo, comenta sobre a questão:

A resistência à mudança [...] como uma característica do grego dos tempos romanos e bizantinos persistiu até agora, preservando a língua através dos séculos de domínio turco até o renascimento da Grécia que ocorreu há um século. Ela permanece a língua da Grécia libertada de hoje. Em aparência, a língua escrita mudou comparativamente pouco, mas na região onde reside principalmente o interesse do linguista, ou seja, como sons nos lábios daqueles que a falam, a língua é muito distante do que devia ser. O rico sistema vocálico entrou em colapso, já vimos os estágios dessas mudanças, que aparecem primeiro no dialeto beócio, formado parte da linha divisória entre o grego clássico e o helenístico. Nos tempos romanos e bizantinos, elas foram levadas a conclusão, as vogais α, ε, ι e ο mantiveram o mesmo valor desde o período mais antigo até os dias atuais e ainda constituem a base elementar do sistema vocálico grego. Mas a substituição do acento tônico pela altura tonal destruiu a diferença de quantidade entre ο e ω, que agora são idênticos em som. A vogal aberta η tornou-se fechada no início do período helenístico, enquanto a vogal representada por ει, originalmente um e logo fechado, tornou-se mais fechada até que, no início da era cristã, se fundiu com ι. Na época bizantina, a vogal η, já fechada, seguiu a vogal fechada original e também se fundiu com ι. Tendo as diferenças de

quantidade sido removidas pelo acento tônico, encontramos uma única vogal ι representando no grego moderno o original ι longo e breve, e o original e aberto (η) e fechado (ει), como também o ditongo original ει. Além disso, nos tempos pós-helênicos a vogal υ, ambos longo e breve, tornou-se não redondo e se fundiu com ι. Em todos esses casos, a ortografia original, ou pelo menos a bizantina, é preservada, de modo que na língua escrita as mudanças fonéticas são totalmente disfarçadas. Assim, em todas as palavras seguintes, a primeira vogal é pronunciada da mesma maneira: πρίγκηψ, είχε, η, ψυχή.

No campo morfológico, observa-se uma tendência à simplificação das formas verbais e nominais. Verbos irregulares e formas complexas do sistema verbal clássico foram sendo progressivamente substituídos por construções mais regulares e perifrásticas. O uso do optativo — já em declínio na Koiné — praticamente desaparece, sendo absorvido por formas do subjuntivo e do indicativo. O dual, que marcava expressões de quantidade “dois”, também é abandonado. Além disso, há um uso cada vez mais reduzido do dativo, substituído por estruturas com preposições (especialmente com ο acusativo), movimento já presente no período helenístico, mas consolidado no bizantino.

Na estrutura das frases, o grego também passou por mudanças importantes. As construções típicas do período clássico, que usavam formas mais compactas e o infinitivo com frequência, foram sendo substituídas por frases mais claras e detalhadas. Passou a ser comum o uso de partículas como ἵνα (para que) e ὅτι (porque) para expressar relações de causa, finalidade e consequência. Esse novo estilo favorecia orações mais explicativas e diretas, o que facilitava a compreensão, especialmente nos textos religiosos usados para pregação, ensino e culto. Essa tendência está presente em muitos textos cristãos do período e reflete a preocupação com a clareza

e a acessibilidade da linguagem — características que se tornariam marcas do grego bizantino.

Em termos lexicais, o grego bizantino mantém grande parte do vocabulário da Koiné, mas incorpora um número expressivo de termos de origem cristã, administrativa e, mais tarde, até oriental. Palavras como ἐκκλησία (igreja), σωτήρ (salvador), χάρις (graça), πίστις (fé) e ἀγάπη (amor) assumem novos significados dentro de contextos teológicos. Além disso, a herança da retórica e da literatura clássica continuou exercendo influência, especialmente nos textos oficiais, enquanto a linguagem popular refletia com mais fidelidade as mudanças fonológicas e morfossintáticas em curso.

Essas transformações linguísticas não ocorreram isoladamente. Elas refletiam, de um lado, a continuidade viva da língua falada nas cidades, vilas e mosteiros do império; de outro, o peso das tradições literárias e eclesiásticas que modelavam uma forma conservadora da língua. Segundo Horrocks (2014), essa dualidade resulta naquilo que se convencionou chamar de diglossia bizantina: uma convivência entre o grego elevado, literário e eclesiástico, e o grego vulgar, cotidiano e fluido — ambos profundamente enraizados na tradição da Koiné.

A permanência da tradição litúrgica, a presença dinâmica da fala popular e a continuidade da escrita culta consolidaram o grego bizantino não como um idioma novo, mas como o desenvolvimento natural e amadurecido da Koiné helenística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos ao longo do artigo tanto os aspectos históricos quanto linguísticos, que evidenciam as mudanças ocorridas na língua grega, dando, sobretudo, ênfase à passagem do período alexandrino para o bizantino. A língua grega, conforme apresentado, traz consigo um fenômeno interessante, isto é, o de se modificar, mas sempre manter uma estreita ligação com suas formas anteriores ou posteriores. Dentro desse espectro é que devem ser vistas as mudanças, aqui apresentadas, entre os períodos koiné alexandrino

e koiné bizantina. A transição do grego helenístico para o grego bizantino foi marcada por mudanças graduais e naturais, e não por uma ruptura. A Koiné, nascida como uma forma unificadora da língua grega no mundo helenístico, continuou evoluindo à medida que se adaptava a novos contextos históricos e culturais. Com o tempo, ela passou a atender às necessidades da administração imperial, da religião cristã e da vida cotidiana no Oriente, mantendo-se como um instrumento de comunicação eficaz por séculos.

As mudanças na pronúncia, como a semelhança crescente entre vogais e ditongos, muitas vezes foram vistas como sinais de empobrecimento da língua. No entanto, estudos mais recentes, como os de Caragounis, mostram que essas alterações fazem parte do processo natural de evolução da fala. O mesmo se aplica às mudanças na gramática, que passaram a favorecer construções mais claras e diretas. Essas transformações ajudaram a tornar a língua mais acessível, especialmente nos textos cristãos, e acompanharam o papel crescente do grego como língua da fé e da administração no Império Bizantino.

O papel do cristianismo, nesse sentido, foi central, não apenas para a preservação da Koiné, mas também para a sua transformação. Ao ser adotada como língua das Escrituras, da liturgia e do ensino doutrinário, a Koiné se tornou não só a base do pensamento cristão oriental, mas também a via pela qual a tradição grega se perpetuou, moldando o grego bizantino como idioma religioso, administrativo e literário por mais de mil anos.

Assim, o grego bizantino surge como o amadurecimento da Koiné, moldado por séculos de uso contínuo em contextos diversos, e não como uma nova língua imposta ou inventada. Essa continuidade se manifesta na convivência entre registros formais e populares, na permanência de vocabulário teológico consolidado e na fidelidade da tradição litúrgica que ecoou, por gerações, a mesma matriz linguística que unira gregos, judeus helenizados e cristãos dos primeiros séculos. Infelizmente, na tentativa de reconstrução da pronúncia do grego antigo, muitos estudiosos

(principalmente os adeptos da artificial pronúncia erasmiana) têm negligenciado a importância do período bizantino.

Conclui-se, portanto, que compreender o grego bizantino em sua relação com o grego helenístico é reconhecer a força histórica de uma língua que, adaptando-se às necessidades de seu tempo, permaneceu viva e atuante, transpondo as fronteiras do mundo antigo e servindo de alicerce para a identidade linguística e cultural da Ortodoxia Oriental e do grego moderno.

REFERÊNCIAS

ATKINSON, Basil Ferris Campbell. The Greek Language. London, UK: Faber & Faber Limited, 1952.

BEALS, Katherine. Encyclopedia of Ancient Greek Language and Linguistics. Leiden: Brill, 2014.

CARAGOUNIS, Chrys C. The Development of Greek and the New Testament: Morphology, Syntax, Phonology, and Textual Transmission. Grand Rapids: Baker Academic, 2004.

CARAGOUNIS, Chrys C. Historical Greek Pronunciation. The Journal of Greco-Roman Christianity and Judaism, v. 16, p. 9–54, 2020.

CRISTIDIS, A. F. (org.). História da Língua Grega: Dos primórdios até a antiguidade Tardia. Thessalônica: Instituto de Estudos Neo-helênico, 2020.

ΧΡΙΣΤΙΔΗΣ, Α. Φ. – ΙΣΤΟΡΙΑ ΤΗΣ ΕΛΛΕΝΗΚΗΣ ΓΛΩΣΣΑΣ – Από τις αρχές έως την ύστερη αρχαιότητα. Θεσσαλονίκη: Ινστιτούτο Νεοελληνικών Σπουδών, 2020.

CONYBEARE, Frederick Cornwallis. Grammar of Septuagint Greek. Massachusetts, USA: Hendrickson Publishers, 1988.

DE LANGE, Nicholas. The Greek Bible in the Cairo Genizah. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

DUBOIS, Jean, et al. Dicionário de Lingüística. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

GELDART, William. The Modern Greek Language in its Relation to Ancient Greek. Oxford: Clarendon Press, 1870.

HORROCKS, Geoffrey. Greek: A History of the Language and its Speakers. Malden: Wiley-Blackwell, 2014.

TODD, Stephen. A History of the Greek Language. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.